

Joaquim de Sousa Teixeira

IPSEIDADE E ALTERIDADE

UMA LEITURA DA OBRA
DE PAUL RICOEUR

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Ipseidade e Alteridade
Uma Leitura da Obra de Paul Ricoeur
Vol. I

Autor: Joaquim de Sousa Teixeira

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2004

ISBN: 972-27-1333-7

Depósito legal: 219 332/04

«[...] mens nostra non potest seipsam intelligere ita quod seipsam apprehendat; sed ex hoc quod apprehendit alia, devenit in suam cognitionem.»

SÃO TOMÁS, *De Veritate*, q. 10, a. 8, corp. art.

«Une philosophie herméneutique est une philosophie qui [...] renonce au rêve d'une médiation totale, au terme de laquelle la réflexion s'égalerait à nouveau à l'intuition intellectuelle dans la transparence à soi d'un sujet absolu.»

P. RICOEUR, «De l'interprétation»,
in *Du Texte à l'Action*, Paris, 1986, 32.

«[...] l'herméneutique du soi se trouve à égale distance de l'apologie du *Cogito* et de sa destitution.»

P. RICOEUR, *Soi-même comme un Autre*,
Paris, 1990, 15.

PREFÁCIO

Este prefácio vai ser breve, porque muito do que é curial dizer-se nas apresentações de obras de filosofia vem na longa «Introdução» (ou abertura) do livro que ora se publica.

O presente estudo corresponde integralmente à dissertação de doutoramento por nós apresentada em 1994 à Universidade Católica Portuguesa e nela defendida em 15 de Janeiro de 1995. As modificações introduzidas são de pormenor e mais de redacção que de conteúdo. O motivo por que julgámos não ser necessária uma profunda revisão da tese deve-se sobretudo ao facto de a bibliografia ricoeuriana posterior a 1994 não acrescentar substanciais mudanças de perspectiva em torno da temática em apreço. Além disso, se tivéssemos de refundir em profundidade a dissertação, surgiria porventura uma outra obra, quiçá mais curta porque centrada apenas no tema especificamente antropológico-filosófico do sujeito entendido dialecticamente como expressão de si nas múltiplas mediações entre Natureza e Forma. Preferimos, porém, ao dar conta da obra global de Paul Ricoeur, evitar as sereias hegelianas, cingindo as análises à relação, mais fenomenológica que dialéctica, do homem e do «seu mundo», mais precisamente à relação de ipseidade e alteridade, da ipseidade colhida como «identidade reflexiva» e da alteridade apreendida nos múltiplos registos filosoficamente permitidos. Não se estranhe pois que a investigação silencie a referência ao grande Outro (Deus), de resto tão cara à obra teológica de Ricoeur.

Apesar de este ser um trabalho académico (nas díspares acepções do termo...), não se destina contudo apenas a académicos. Como nos foi dado comprovar, ele pode interessar não só aos «filósofos profissionais», como a todos os que lidam com questões psicológicas e psicanalíticas,

históricas, linguísticas, ético-políticas, etc. Um certo eclectismo e polícentrismo hermenêutico da obra de Ricoeur aparecem-nos justificados pelas suas preocupações dialógicas, pluriversais e ecuménicas, assim como pela sua peculiar concepção da filosofia e da «herança cultural» que de certo modo a consubstancia. No entanto o nosso estudo, sendo em forma de glosa filosófica, esforça-se por relevar as linhas de fundo que norteiam o pensamento poliédrico do Autor, sugerindo aqui e ali — o mais das vezes em surdina e como que em contraponto — uma forma outra de pensar. Ao procedermos assim tivemos em mente antes de mais a dignidade teórica do tema elegido, central na filosofia do século XX, ou seja, a salvaguarda da subjectividade ético-ontológica do homem no emaranhado das correntes de pensamento que, pelo menos desde a filosofia transcendental, a puseram metodologicamente entre parênteses ou mesmo lhe negaram direitos de cidadania filosófica. A nosso ver, muitos dos trabalhos sobre Ricoeur (dissertações, estudos e referências generalistas) — mesmo os vindos a lume em língua portuguesa — enfermam de semelhante enviesamento, denotando alguns uma grave ausência de acribia. Tivemos por isso a preocupação de, primeiro, nos atermos tão-só aos escritos originais do Autor e de, segundo, detectar aqueles filosofemas unificadores que cerzem a imensa mole das leituras constituintes de todo o seu acervo literário-filosófico (e não se esqueça que Ricoeur é, acima de tudo, um grande leitor da Filosofia, provindo muita da sua riqueza deste seu serviço de mediação).



Embora a nossa caminhada com Paul Ricoeur tenha sido quase sempre «solitária», não podemos deixar de agradecer aos mediadores que tornaram possível esta publicação. Recordamos antes de mais o Prof. Doutor José Manuel Toscano Rico, antigo Director da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, o primeiro a incentivar a vinda a lume deste estudo. Ainda dentro do âmbito universitário, é-nos grato nomear dois excelentes mestres: o Prof. Doutor José Ramos Regidor (que, na Universidade Salesiana de Roma, nos introduziu entre 1967 e 1970 na hermenêutica ricoeuriana do mal) e o Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves (orientador da dissertação). Em segundo lugar, manifestamos o nosso reconhecimento à Imprensa Nacional-Casa da Moeda nas pessoas do Prof. Doutor Manuel Ferreira Patrício, que teve a amabilidade de ler este trabalho, e do Dr. António Braz Teixeira, promotor entusiasta da cultura filosófica em Portugal. Uma última palavra de gratidão é devida aos

Doutores Manuel Barbosa da Costa Freitas e Manuel Cândido Pimentel, eficazes elos de ligação entre a instituição universitária (o Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira — CLCPB) e a editora.



Terminamos com o elenco da principal bibliografia de Paul Ricoeur dada à estampa depois de 1994, anotando algumas observações. Como acima referimos, a sua substância já se encontra no nosso estudo, embora um ou outro aspecto o pudesse ainda enriquecer e completar, nomeadamente nas partes referentes à História e à Filosofia Prática:

- RICOEUR, P., *Réflexion Faite. Autobiographie Intellectuelle*, Paris, 1995. Este volume recolhe dois textos: 1) «Autobiographie intellectuelle», que é o original francês do ensaio publicado primeiramente em língua inglesa in L. E. Hahn (org.), *The Philosophy of Paul Ricoeur*, Chicago and Lasalle (Ill.), 1995; 2) «De la Métaphysique à la Morale», in *Revue de Métaphysique et de Morale*, número do centenário (1994).
- , *La Critique et la Conviction. Entretien avec François Azouvi et Marc de Launay*, Paris, 1995. A temática deste *entretien* é abrangente, atravessando *jornalisticamente* todos os domínios da reflexão filosófico-teológica ricoeuriana.
- , *Le Juste*, Paris, 1995. Recolhe dez conferências em torno da justiça, numa perspectiva de fronteira entre o domínio filosófico e o especificamente jurídico. Já integrámos algumas destas conferências nos capítulos sobre a Ética e a Moral.
- , *Autrement. Lecture d'Autrement qu'Être ou Au-delà de l'Essence d'Emmanuel Levinas*, Paris, 1997. Este opúsculo reproduz o conteúdo de «Emmanuel Levinas, penseur du témoignage», in J.-C. Aeschlimann (org.), *Répondre d'Autrui. Emmanuel Levinas*, Neuchâtel, 1989, 17-40, por nós aproveitado na secção 4 do capítulo 23.
- , *Amour et Justice*, Paris, 1997. Retoma-se um tema tão antigo como Aristóteles e Santo Agostinho.
- CHANGEUX, J.-P., e RICOEUR, P., *Ce qui nous fait penser. La Nature et la Règle*, Paris, 1998. Este interessante diálogo promana de duas perspectivas e de duas linguagens o mais das vezes antagónicas — a científica (materialista) e a filosófica —, ambas à procura de um *logos* comum. Reveste-se de particular importância para a Antropologia Filosófica, a Filosofia Moral e a Estética.

LACOCQUE, A., e RICOEUR, P., *Penser la Bible*, Paris, 1998. Os estudos de Ricoeur constituem uma espécie de «réplica filosófica» subsequente aos ensaios escriturísticos de A. LaCocque. São os seguintes: 1) «Penser la création»; 2) «Une obéissance aimante»; 3) «Sentinelle de l'imminence»; 4) «La plainte comme prière»; 5) «De l'interprétation à la traduction»; 6) «La métaphore nuptiale». Imprescindível num estudo sobre a hermenêutica religiosa de Ricoeur.

RICOEUR, P., *L'Unique et le Singulier: l'Intégrale des Entretiens d'Edmond Blattchen*, Paris, 1999.

—, *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*, Paris, 2000. Muito do conteúdo desta vasta obra prolonga *Temps et Récit* e poderia inserir-se na parte da dissertação dedicada à História e à Filosofia Prática (de sublinhar o actualíssimo tema ético-político do perdão).

Lisboa, Novembro de 2001.

SIGLAS DOS LIVROS DE PAUL RICOEUR

- CI *Le Conflit des Interprétations. Essais d'Herméneutique [I]*, Paris, 1969 (recolha de estudos anteriores).
- DA «Le Discours de l'Action», in D. Tiffeneau (org.), *La Sémantique de l'Action*, Paris, 1977, 1-137.
- EES/PA *Être, Essence et Substance chez Platon et Aristote*, Paris, 1982 (curso xerocopiado — Universidade de Strasbourg, 1953-1954).
- EPh *À L'École de la Phénoménologie*, Paris, 1986 (recolha e reimpressão fotomecânica de estudos anteriores).
- F *De l'Interprétation. Essai sur Freud*, Paris, 1965.
- FC *Philosophie de la Volonté. Vol. II — Finitude et Culpabilité*, 1988 (1960¹). A edição de 1960 consta de dois tomos: I — *L'Homme Faillible*; II — *La Symbolique du Mal*; a de 1988 integra-os num só tomo, dividido em dois livros. Citaremos pela ed. de 1988.
- GM/KJ *Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du Mystère et Philosophie du Paradoxe*, Paris, 1948.
- HF *L'Homme Faillible* = FC, Livre I (19-162).
- HV *Histoire et Vérité*, Paris, 1967³ (recolha de estudos anteriores).
- IT *Interpretation Theory. Discours and the Surplus of Meaning* [1973], Forth Worth (Texas), 1976.
- IU *Lectures on Ideology and Utopia* [1975], New York, 1986.
- KJ *Karl Jaspers et la Philosophie de l'Existence*, Paris, 1947 (em colaboração com M. Dufrenne. Contribuição mais específica de Ricoeur: pp. 173-393).
- L I *Lectures 1. Autour du Politique*, Paris, 1991 (recolha de estudos anteriores).
- L II *Lectures 2. La Contrée des Philosophes*, Paris, 1992 (recolha de estudos anteriores).
- L III *Lectures 3. Aux Frontières de la Philosophie*, Paris, 1994 (recolha de estudos anteriores).
- MV *La Métaphore Vive*, Paris, 1975.
- SA *Soi-même comme un Autre*, Paris, 1990.

- SM *La Symbolique du Mal* = FC, Livre II (163-488).
- TA *Du Texte à l'Action. Essais d'Herméneutique II*, Paris, 1986 (recolha de estudos anteriores).
- TR I *Temps et Récit I*, Paris, 1983 (reimp. 1991).
- TR II *Temps et Récit II — La Configuration du Temps dans le Récit de Fiction*, Paris, 1984 (reimp. 1991).
- TR III *Temps et Récit III — Le Temps Raconté*, Paris, 1985 (reimp. 1991).
- VI *Philosophie de la Volonté. Vol. I — Le Volontaire et l'Involontaire*, Paris, 1950 (reimp. 1988).

Obs.: Os títulos dos restantes textos ricoeurianos serão citados *in extenso*, subentendendo-se e omitindo-se o nome do Autor. Todos os excertos transcritos, mesmo em nota, aparecerão em tradução portuguesa da nossa responsabilidade.

INTRODUÇÃO

Apesar de só a leitura progressiva e completa de um estudo, que se pretende histórico-filosófico, propiciar uma verdadeira introdução ao tema que nele vem desenvolvido, uma abertura introdutória justifica-se metodologicamente: com efeito, cabe-lhe circunscrever o assunto a tratar, referir o alcance e os limites das perspectivas usadas, enquadrar a temática na obra do Autor, antecipar alguns resultados e observações críticas de fundo, apontar as virtualidades e eventuais limitações da filosofia em jogo, etc. Na intenção de concretizar alguns destes requisitos, esta introdução terá os seguintes momentos: 1) enquadramento do tema geral da investigação na problemática filosófica que lhe serve de horizonte referencial; 2) apresentação da unidade de fundo da obra do Autor (obra e Autor significam aqui o mesmo); 3) âmbito e limites da filosofia subjacente.

1. PROBLEMÁTICA GERAL

O objecto do presente estudo é a articulação de *ipseidade e alteridade na obra de Paul Ricoeur*.

Que significa ipseidade? Qualquer elementar dicionário de latim traz do adjectivo e pronome demonstrativo *ipse, a, um* pelo menos quatro acepções relacionadas entre si¹: 1) «O próprio», «a própria», «eu próprio», etc., com valor intensivo ou de realce e

¹ Cf. A. G. Ferreira, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, s. d., 636.

como contraposição a outra coisa (*ego ipse, etiam ipse...*); 2) «Justamente», «precisamente», «exactamente»: *tunc ipsum, nunc ipsum* (precisamente então, precisamente agora), *ea ipsa fuit causa...* (foi precisamente aquela a causa...); 3) «Em pessoa», «pessoalmente»: *ipse consul venit* (o cônsul veio em pessoa); 4) «Por si», «espontaneamente»: *valvae ipsae aperuerunt* (as portas abriram-se por si). A ipseidade designa pois o carácter de «isso mesmo» de alguma coisa e, mais especificamente, o existente humano considerado como singularidade concreta, irrepetível, impermutável, idêntico a si mesmo e diferente dos outros. Por isso, a ipseidade, no seu sentido genérico, só se deixa entender na relação à alteridade; ipseidade e alteridade constituem então um binómio que só se compreende no horizonte da relação mais abrangente entre os «grandes géneros» do Mesmo e do Outro, da Identidade e da Diferença. Com efeito, a ipseidade é uma forma de *identidade*. Por seu lado, o conceito de identidade significa fundamentalmente o mesmo que *unidade*; ora, algo é uno na medida em que lhe pertencem estes dois aspectos: indivisão intrínseca e distinção de todo e qualquer outro (*indivisum in se et divisum a quolibet alio*). O conceito de identidade é pois um conceito ontológico, fundado na experiência do ser e da diferença — dados absolutamente primeiros, irrecusáveis e indefiníveis: «mesmo a mais radical redução de toda a realidade à identidade de um único ser, como a de Parménides, só tem sentido em função de uma multiplicidade que se nega e se resolve em mera aparência; e mesmo a mais radical negação da identidade, como a de um empirismo absoluto, só tem sentido em função de uma unidade que se nega e se reduz a um puro nome [...]. Se o homem tivesse a experiência apenas de um ente, teria sim o conceito de ser, mas não o conceito de uno e de idêntico².»

² S. Vanni-Rovighi, «Identità», in *Enciclopedia Filosofica*, III (Firenze, 1967²), 723 (itálico nosso). Ipeidade e mesmidade são ambas, segundo Ricoeur, formas de identidade (identidade-*ipse* e identidade-*idem*); mas se a ipseidade designa um tipo de identidade ética específica do modo de ser da *pessoa* (manter a palavra dada, ser fiel a uma promessa), a mesmidade significa sobretudo a *invariabilidade no tempo* de algo (o carácter, por exemplo). Note-se, todavia, que alguns pensadores como que invertem esta terminologia para dar razão de semelhante diferença. Um exemplo: «El vocablo 'ipseidad' designa el hecho de que una cosa sea lo que es, la identidad de una cosa consigo misma»; sendo assim, a identidade mais perfeita é *intemporal*, é a pura ipseidade dos objectos ideais (fórmulas lógicas, figuras geométricas, equações algébricas, etc.). Por seu lado, «el término 'mismidad' designa una característica similar a la connotada por el

ÍNDICE GERAL

Vol. I

Prefácio	9
<i>Siglas dos livros de Paul Ricoeur</i>	13
INTRODUÇÃO	15
1. A problemática geral	17
2. A obra de Paul Ricoeur	23
3. Âmbito e limites de uma hermenêutica do sujeito	31

PRIMEIRA PARTE

PSICOLOGIA E PSICANÁLISE

[Introdução]	47
CAPÍTULO 1. UMA «FILOSOFIA DA VONTADE»: ENTRE PSICOLOGIA, FENOMENOLOGIA E FILOSOFIA	49
1.1. A vontade	49
1.2. «Método e tarefas de uma fenomenologia da vontade»	63
1.3. A unidade do voluntário e do involuntário como ideia-limite	74
CAPÍTULO 2. FREUD: SITUAÇÃO CULTURAL E PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS	77
2.1. Freud e a cultura de hoje	77
2.2. O problema epistemológico do freudismo	88
2.2.1. Técnica interpretativa	89
2.2.2. A sistemática freudiana e a criação estética	94
2.3. Epistemologia: entre psicologia e fenomenologia	98
2.3.1. A redução	102
2.3.2. A intencionalidade	103
2.3.3. Aspectos dialécticos da linguagem	107
2.3.4. A intersubjectividade	108

2.4. Interpretação filosófica de Freud	111
2.4.1. Retomada reflexiva dos conceitos freudianos	114
2.4.2. Dialéctica de arqueologia e teleologia	115
2.4.3. Complementaridade das hermenêuticas rivais	117
CAPÍTULO 3. UMA «ARQUEOLOGIA DO SUJEITO»: A QUESTÃO DO INCONSCIENTE	
3.1. A crítica ao inconsciente pela fenomenologia eidética	119
3.1.1. Fracasso do «idealismo» ou da transparência da consciência	121
3.1.2. Fracasso do «realismo», do «causalismo» físico e do «genetismo» freudianos do inconsciente	126
3.2. Consciente e inconsciente: os limites da consciência	137
3.3. Uma «arqueologia do sujeito»	141
3.3.1. Freud e a questão do sujeito	141
3.3.2. Noção de «arqueologia»	144
CAPÍTULO 4. DIALÉCTICA DE ARQUEOLOGIA E TELEOLOGIA: A AMBIGUIDADE DO DESEJO	
4.1. A teleologia implícita do freudismo	152
4.2. Ambiguidade do desejo e visão ricoeuriana da sexualidade	157
4.2.1. Descrição eidética	158
4.2.2. Carácter enigmático da sexualidade	162
CAPÍTULO 5. HERMENÊUTICA DA RELIGIÃO E LIMITES DA PSICANÁLISE	
5.1. Religião e ilusão: imagem, linguagem e «fantasma paterno»	167
5.1.1. A ambiguidade do sagrado	172
5.1.2. Religião e pulsão	173
5.1.3. Religião e fantasma	175
5.1.4. Fé e palavra	177
5.2. O «ateísmo» da psicanálise: a ausência de um «Eu» divino	179
SEGUNDA PARTE	
HISTÓRIA	
[Introdução]	187
CAPÍTULO 6. QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS	
6.1. Objectividade e subjectividade em história	189
6.2. Contribuição da historiografia francesa e de língua inglesa	192
6.2.1. Eclipse da narrativa em história	193
6.2.2. Em defesa da narrativa em história	195
6.3. A história como narrativa	198
6.4. A intencionalidade histórica	200
CAPÍTULO 7. HISTÓRIA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA	
7.1. Relação de Ricoeur com a História da Filosofia	205
7.2. História da Filosofia e sociologia do conhecimento	206
7.3. História da Filosofia, historicidade e unidade da verdade	209

CAPÍTULO 8. HISTÓRIA E FILOSOFIA DA HISTÓRIA	221
8.1. Questões gerais	221
8.2. O sentido da história em Edmund Husserl e Jan Pato ka	224
8.2.1. O sentido da história em Edmund Husserl	224
8.2.2. O sentido da história em Jan Pato ka	230
8.3. «Renunciar a Hegel»	235
8.4. O sentido da história no Cristianismo	242
CAPÍTULO 9. O «TEMPO HISTÓRICO»	249
9.1. Relação entre tempo do sujeito e tempo universal	249
9.1.1. O tempo do calendário	250
9.1.2. A sequência das gerações	254
9.1.3. Arquivos, documentos, vestígios	259
9.2. «Tempo histórico» e ficção	263
9.2.1. A ficção da história	264
9.2.1.1. A tese realista	265
9.2.1.2. O carácter passado do passado	266
9.2.1.3. O passado refigurado	267
9.2.1.4. A «história» dos acontecimentos fundadores	268
9.2.2. A historicização da ficção	271
9.3. A realidade do passado histórico	273
9.3.1. Sob o signo do Mesmo	275
9.3.2. Sob o signo do Outro	277
9.3.3. Sob o signo do Análogo	280
CAPÍTULO 10. POR UMA HERMENÊUTICA DA CONSCIÊNCIA HIS- TÓRICA	285
10.1. Uma alteridade específica: da objectivação à alienação na experiên- cia histórica	285
10.2. História e Hermenêutica: por uma hermenêutica da consciência histórica	295
10.2.1. O futuro e o seu passado	298
10.2.2. Hans-Georg Gadamer: o «ser-afectado-pelo-passado»	303
10.2.3. A força do presente histórico	311

TERCEIRA PARTE

A LINGUAGEM

[Introdução]	323
CAPÍTULO 11. ESTRUTURALISMO, SEMIÓTICA E SUAS APLICA- ÇÕES	327
11.1. A explicação estrutural e os seus limites	327
11.1.1. Estrutura e linguagem	327
11.1.1.1. Estruturalismo antropológico e hermenêutica	328
11.1.1.2. Estrutura, palavra e acontecimento	339
11.1.1.3. O texto e a explicação estrutural: da fala à escrita	346
11.1.2. Estruturalismo, réplica semântica e acontecimento	352
11.1.2.1. Evento e sentido na linguagem	352
11.1.2.2. Evento e sentido na história: a função da linguagem	359

11.2. O desafio semiológico	362
11.2.1. Signo e sentido	363
11.2.2. A semântica narrativa de Algirdas-Julien Greimas	367
11.2.2.1. Propp e Bremond	367
11.2.2.2. Greimas	373
11.2.3. A questão do sujeito na semiologia	385
CAPÍTULO 12. FILOSOFIA ANALÍTICA E ACÇÃO	399
12.1. Filosofia Analítica e discurso da acção	399
12.1.1. O discurso da acção: questões introdutórias	400
12.1.1.1. Análise linguística e fenomenologia	401
12.1.1.2. Fenomenologia linguística e ciências humanas	404
12.1.1.3. Filosofia da acção e ética	405
12.1.2. Nível conceptual da acção: os conceitos fundamentais	405
12.1.2.1. A acção em geral e as acções de base em particular	406
12.1.2.2. A intenção	413
12.1.2.3. A motivação	417
12.1.2.4. O conceito de agente da acção	420
12.1.3. Os enunciados da acção: a análise proposicional	424
12.1.4. Nível argumentativo da acção: o motivo e a causa	435
12.1.5. Uma semântica da acção sem agente	436
12.2. Filosofia Analítica e sujeito da acção	444
12.2.1. Abordagem semântica da identificação da pessoa	445
12.2.2. Abordagem pragmática do sujeito da enunciação	450
12.2.3. O agente da acção e as dificuldades da adscrição	457
12.3. Filosofia Analítica e Fenomenologia	463
12.3.1. «Linguagem comum» e descrição da vontade	464
12.3.2. Fenomenologia e análise linguística	466

Vol. II

TERCEIRA PARTE

A LINGUAGEM

(continuação)

CAPÍTULO 13. A «ACÇÃO DO TEXTO»: MUNDO DO TEXTO E MUNDO DO LEITOR	9
13.1. Texto, acção e história	9
13.1.1. Texto, acção, história: o texto como paradigma	11
13.1.2. Estrutura simbólica da acção social	15
13.1.2.1. Nível do simbolismo constituinte	16
13.1.2.2. Nível do simbolismo representativo	21
13.2. Dialécticas do texto: o mundo do texto e o mundo do leitor	22
13.2.1. Mimese e representação: a tríplice mimese	27
13.2.1.1. Mimese I	29
13.2.1.2. Mimese II	32
13.2.1.3. Mimese III	33
13.2.2. A apropriação	38
13.2.3. Mundo do texto e mundo do leitor	45
13.2.3.1. Fenomenologia do acto individual de ler	48
13.2.3.2. Hermenêutica da recepção pública de uma obra	51
CAPÍTULO 14. A POÉTICA E A «VERDADE METAFÓRICA»	59
14.1. Poética e fenomenologia	60
14.1.1. O poético e o sentimento	61
14.1.1.1. Fenomenologia do sentimento	61
14.1.1.2. Sentimento, natureza e poesia	65
14.1.2. O poético e a imaginação	75
14.1.2.1. Imaginação e discurso	78
14.1.2.2. A imaginação na passagem do teórico ao prático	81
14.1.3. O poético e o símbolo	84

14.2. Poética e linguagem: o processo metafórico	95
14.2.1. Metáfora e hermenêutica	96
14.2.2. O processo metafórico	101
14.2.2.1. Semântica da metáfora	101
14.2.2.2. Metáfora e realidade	103
14.2.3. Potência e criatividade da palavra	105
14.2.3.1. A linguagem polissémica	106
14.2.3.2. Ciência, poesia e linguagem comum	109
14.3. O «mundo» poético: metáfora e referência	116
14.3.1. Metáfora e referência: haverá uma «verdade metafórica»?	117
14.3.2. O problema filosófico: intersecção do discurso especulativo e do discurso metafórico	129
CAPÍTULO 15. NARRATIVA E IDENTIDADE DO SUJEITO	139
15.1. Função narrativa e experiência humana do tempo: a aporia temporal da identidade narrativa	139
15.2. Identidade narrativa e identidade da pessoa: a problemática	145
15.3. Identidade narrativa e ipseidade	157
QUARTA PARTE	
FILOSOFIA PRÁTICA E ÉTICO-MORAL	
[Introdução]	171
CAPÍTULO 16. A PRÁXIS. TRABALHO E PALAVRA, CIVILIZAÇÃO E CULTURAS	175
16.1. A razão prática	180
16.1.1. «Razão de agir», «raciocínio prático», «regra de acção»	181
16.1.2. A «razão prática»: o momento kantiano e a tentação hegeliana	182
16.2. A iniciativa	187
16.3. Trabalho e palavra	189
16.3.1. Prioridade da palavra sobre a práxis e o trabalho	190
16.3.2. A aventura técnica: cultura, civilização e diálogo intercultural	198
CAPÍTULO 17. A SABEDORIA PRÁTICA: CONVICÇÃO E ACÇÃO POLÍTICA	213
17.1. A sabedoria prática: a convicção	214
17.2. Uma dificuldade específica: a acção política e a sabedoria prática	222
CAPÍTULO 18. O ÂMBITO DA ÉTICA E O PROBLEMA DO MAL	235
18.1. Ética como fundamento da moral	235
18.1.1. Estrutura teleológica da acção	236
18.1.2. O fundamento da lei moral	243
18.1.2.1. A liberdade em primeira pessoa	244
18.1.2.2. A liberdade em segunda pessoa	246
18.1.2.3. A liberdade e a mediação da instituição	254
18.2. Ética e ipseidade: o si-mesmo e a intencionalidade ética	257
18.2.1. O intento da «vida boa»	259
18.2.2. «Viver bem» com e para os outros: a solicitude	263
18.2.3. «Viver bem» com e para os outros em instituições justas	272
18.3. A ética e o mal	277

CAPÍTULO 19. O ÂMBITO DA MORAL	293
19.1. A estrutura deontológica da acção	293
19.1.1. A noção de valor	294
19.1.2. A norma e a viragem introduzida pelo interdito	296
19.1.3. O imperativo	297
19.1.4. A lei	298
19.2. Moral e ipseidade	299
19.2.1. O intento da «vida boa» e a obrigação moral	300
19.2.2. Solicitude pelos outros e norma moral	302
19.2.3. O «sentido da justiça» (ética) e os «princípios de justiça» (deontologia formal)	307
CAPÍTULO 20. A «PEQUENA ÉTICA» DE RICOEUR: CONCLUSÕES	313
20.1. Novas determinações da ipseidade	313
20.2. O panorama ético contemporâneo: o tempo da responsabilidade	319
CONCLUSÃO	
QUE ONTOLOGIA?	
[Introdução]	329
CAPÍTULO 21. A LIÇÃO PLATÓNICA	333
21.1. O ser e o não-ser, o Mesmo e o Outro	333
21.2. O tema da alma	337
21.3. O divino em Platão	340
CAPÍTULO 22. A LIÇÃO ARISTOTÉLICA	345
22.1. A lição geral sobre o ser e a substância	346
22.2. Aristóteles e a equivocidade do ser: a metáfora	351
22.3. A lição específica sobre o agente humano	358
CAPÍTULO 23. A LIÇÃO CONTEMPORÂNEA: FENOMENOLOGIA E ONTOLOGIA	365
23.1. Edmund Husserl	366
23.2. Martin Heidegger	370
23.2.1. Algumas questões gerais	370
23.2.2. A ontologia da ipseidade	375
23.3. Filosofia existencial	387
23.3.1. Questões gerais	388
23.3.2. A fenomenologia existencial	389
23.4. Emmanuel Levinas	392
CAPÍTULO 24. PAUL RICOEUR: A INJUNÇÃO DO OUTRO COMO ESTRUTURA DA IPSEIDADE	401
Bibliografia	405
I. Textos de Paul Ricoeur	409
1. Livros	409
2. Textos maiores	410
II. Outros autores citados	433
Índice onomástico	449